

CASTANHEIRA, José Pedro, coord.

*Cristianismo e marxismo em debate nos anos 70: um diálogo entre o padre João Resina e o filósofo Sottomayor Cardia*

Lisboa: Universidade Católica Editora, 2024, 90 p. ISBN: 9789725410004

EDGAR SILVA

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2025.18092>

Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0002-7068-7915>

Este livro traz-nos um acontecimento e um referencial memorial para a compreensão da História Contemporânea: a conversa travada entre o padre João Resina Rodrigues e Mário Sottomayor Cardia, realizada em Lisboa, a 19 de janeiro de 1974.

Por iniciativa da Juventude Universitária Católica (JUC) fora programada a realização de um ciclo de colóquios, de entre os quais «a gravação em cassetes áudio», a desgravação e transcrição em 1974, pela mão do fiel depositário daquele registo, o jornalista José Pedro Castanheira, que 50 anos depois originou esta publicação, em fevereiro de 2024.

O colóquio foi anunciado tendo como tema «Significado político e teológico dos Direitos Humanos», de onde se transitou para a eventual e possível compatibilidade entre o cristianismo e o marxismo, para as relações entre cristãos e marxistas, de católicos e socialistas.

Tendo como pretexto o 25º aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem, adotada pela Organização das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948, e o décimo aniversário da encíclica *Pacem in Terris*, do Papa João XXIII, publicada em 11 de abril de 1963, a JUC propôs-se realizar uma reflexão em torno da temática «O homem na sociedade, hoje e aqui: ameaças e esperanças».

O livro em epígrafe preserva a memória de uma proposta de debate entre um católico e um agnóstico e de uma de reflexão sobre problemas colocados à Igreja Católica e a certos sectores católicos num determinado contexto político da sociedade portuguesa.

Estruturalmente, este livro contém uma nota de apresentação da autoria de José Pedro Castanheira sobre a razão de ser deste debate, o seu propósito, o seu contexto histórico e a força da esperança de que Abril não tardaria (p. 15-27), antecedido de um prefácio de António Araújo, que valoriza o alcance do diálogo «entre dois grandes intelectuais» (p. 7-13). Segue-se o núcleo textual, o desenvolvimento do debate, as perguntas e interpelações feitas pela assistência, e «o tom coloquial que o caracterizou» (p. 29-78). O volume é complementado com cuidadas biografias de Carlos Leone acerca de Cardia (p. 79-90), e de António Marujo/Pedro Silva Reis relativamente a Resina (p. 67-78).

Não estaremos exatamente em face de um exercício de diálogo entre marxismo e cristianismo, questão que se tornara relevante em diferentes círculos de reflexão, problema prevalecente na práxis política e no andamento da História naqueles anos. Embora seja delimitada essa possibilidade de análise das relações entre cristianismo e marxismo, o facto de Sottomayor Cardia, à época, já ser um crítico do marxismo, estando em rutura com o universo marxista, não fica diminuída a ousadia do diálogo entre referências e mundividências profundamente distintas: a de um agnóstico, que também deixou de querer a revolução, sem,

---

contudo, se demitir da tarefa da procura de uma formulação filosófica acerca da sociedade e do seu futuro; a do homem de fé, que não se resigna ante o intolerável na sociedade, que se identifica “em caminhada”, crendo na edificação de uma cidade outra.

Estamos em presença de um documento em que se cruzam dois movimentos na contramão da História ou duas maneiras de se posicionar relativamente ao marxismo: a perspectiva apontada pelo Pe. João Resina, em indagação por contributos do marxismo, em busca de instrumentos analíticos e de ferramentas operativas capazes de ajudar o cristão na eficaz transformação da História, na superação do intolerável, na luta contra a injustiça social; em contraponto, a opinião crítica quanto ao problema do marxismo e do materialismo e a dissidência experimentada por quem acabara de ser militante do Partido Comunista Português. Sottomayor Cardia afirma que para ele «não há experiências históricas do socialismo e que, portanto, o socialismo tem de ser considerado mais como uma ideia do que como uma experiência» (p. 50).

No diálogo promovido pela JUC destaca-se o contraste entre a reflexão de Sottomayor Cardia, já sem entusiasmo em relação à conceção marxista da dinâmica social e, ainda menos, quanto ao marxismo como projeto de transformação das estruturas sociais, e, pelo contrário, a afirmação por João Resina dos contributos da inspiração do marxismo, designadamente, na formação de uma consciência nova quanto aos sistemas e mecanismos injustos, na procura da libertação, no combate à resignação e ao fatalismo perante as injustiças gritantes (p. 38).

A palavra de João Resina testemunha e insere-nos em contextos do catolicismo português em que o marxismo colocava ao cristianismo questionamento sobre a eficiência do agir transformador no mundo, fazia germinar uma outra consciência acerca do andamento da História e potenciava uma certa qualidade de encontros humanos, de sobremaneira, quanto à realização da justiça social (p. 36; 37).

O Pe. Resina traz à reflexão Roger Garaudy na sua etapa marxista, em particular, no quanto eram os cristãos despertados pelo marxismo para a compreensão de que a justiça não podia ser realizada de maneira individual. Aliás, adianta o Pe. Resina que «Marx teve carradas de razão quando disse que a injustiça depende de mecanismos» (p. 36). O Pe. Resina também avoca o célebre Jean Cardonnel e o seu memorável livro *Não ao Intolerável*, homem de fé e crente na intencionalidade revolucionária.

Da possível compatibilidade entre cristianismo e marxismo, Sottomayor Cardia defende a tese de que aquele seria um falso problema: «não vejo em que é que uma coisa tenha de ser conciliada com a outra. Situam-se em domínios diferentes» (p. 56). Na verdade, um projeto político é de uma natureza distinta de um discurso de fé ou da proclamação de convicções religiosas.

Porém, o mérito inestimável desta publicação é o de ajudar à edificação de uma memória histórica de um tempo em que sectores do cristianismo foram fortemente influenciados pelos vários marxismos. Ao longo dos anos de 1960 e, mais ainda, nos anos de 1970 diversas expressões do catolicismo em Portugal tiveram o marxismo como inspiração teórica e identificaram-se com referenciais socialistas, assim como houve católicos que estiveram empenhados na luta pela revolução inseridos nalgum dos muitos matizes de que o socialismo se revestia.

Aquele foi um tempo em que as possibilidades de confluência ou de diálogo cristão-marxista se caracterizou por antagonismos, por intenso debate, ensaios, reflexão e processos

de interação que fizeram História. O livro agora lançado e que aqui trazemos sinaliza-nos esse universo anterior à revolução portuguesa de 25 de abril de 1974.

As relações entre marxistas e sectores cristãos tinha uma longa história no contexto internacional daquela época. Em Portugal, verificaram-se algumas dificuldades de natureza teórico-prática no desenvolvimento do marxismo e nos itinerários críticos do diálogo cristianismo-marxismo. Diversos historiadores identificam algumas das reservas, desde logo, na receção do marxismo e de Karl Marx na sociedade portuguesa.

Em Portugal registaram-se diferentes periodizações de um profundo e vasto processo de diálogos e de confluências políticas de católicos com marxistas. Existem estudos historiográficos que o evidenciam, quando a participação política de sectores católicos se destacava no protagonismo oposicionista, ou nos primeiros casos no início da década de 1940, quando era forte o anátema ao pensamento marxista e era perigoso o encontro com representantes do marxismo ou de projetos políticos com inspiração marxista, muito antes da passagem oficial por parte da Igreja Católica a uma declarada linha dialogante, que será lançada nos primeiros anos de 1960 pelo Papa João XXIII, muito antes do Concílio Vaticano II, já se esboçava uma opinião católica num sentido de se estreitarem laços de diálogo e de cooperação com marxistas em Portugal.

Desde o início do seu pontificado, João XXIII procurou estabelecer um novo registo programático em relação aos seus predecessores nas formas de comunicar com o seu tempo, em particular, quanto às relações entre a Igreja Católica e o mundo socialista. A encíclica *Pacem in Terris* (11 de abril de 1963) marcou historicamente a abertura de vias para o diálogo entre católicos e correntes do marxismo.

Depois da *Pacem in Terris*, a linha oficial de pensamento da Igreja Católica criou condições para a edificação de pequenas pontes de modo que, a partir da década de 1970, tornou-se possível uma nova fase de relacionamento, em contextos e em projetos específicos, classificada como a da passagem «do diálogo à aliança».

Se bem que com registos mais alargados a partir de 1965, findo o Concílio Vaticano II, o ensaiar de processos de diálogo, de aproximação ou de convergência na ação, efetivaram-se na base de causas ou problemas específicos, enraizaram-se em laços de comunicação e em redes de encontro que somaram tempos e linhas de uma morfologia demorada e antiga. No mundo do trabalho, na luta pela justiça social, na defesa da paz, na crítica e na denúncia de situações que atentavam contra a dignidade humana, processaram-se dinâmicas de ação conjunta em que marxistas e cristãos se mobilizaram para intervenções com dimensão pública à volta de objetivos comuns. Nesses círculos de aproximação e de envolvimento, quando eram impostas pela clandestinidade daquele agir político cuidadas formas de encontro mais ainda do que a força ideológica, prevaleciam ligações que se fortaleciam na base da confiança, com reflexos na estruturação do diálogo político.

Uma vasta bibliografia que circulou por todo o País versando as relações entre o marxismo e a fé cristã, de forma mais expressiva a partir de 1965, pelas vias da legalidade ou seguindo estratégias da clandestinidade, contribui para documentar a inserção da sociedade portuguesa em redes interpessoais, em processos de problematização e em dinâmicas sociais, culturais e políticas que o regime de Salazar e Caetano reprimia, mas não conseguia conter.

---

Por aquele influxo, tal como noutros países estava em irrupção a reflexão ativa e o diálogo entre cristãos e marxistas. Também em Portugal se abriram janelas de diálogo público, por exemplo, nos anos de 1969 e 1970, entre Mário Sacramento, ensaísta, que cedo aderiu ao movimento oposicionista, identificado com o materialismo-dialético, e o Pe. Filipe Rocha, professor no Seminário de Aveiro.

De entre os importantes eventos no desbravamento do diálogo, na passagem de um «*processus* anatematizador» a uma práxis dialogante, esse mesmo espírito deu lugar, em setembro de 1970, à «Mesa Redonda» entre o Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes e Óscar Lopes, também ele ensaísta, representante do humanismo ateu-marxista. No Seminário da Boa Nova, Valadares, em 1970, integrando a VIII Semana de Estudos Missionários, realizou-se uma «Mesa Redonda» sobre «A Crise da Fé Hoje», moderada por Anselmo Borges e Agostinho Rodrigues. Participaram, D. António Ferreira Gomes, Óscar Lopes, e ainda António Teixeira Fernandes (padre e sociólogo) e Maria Luísa Brito (dos movimentos católicos de apostolado juvenil), correspondendo em Portugal a um marcante acontecimento de diálogo de católicos com não crentes identificados com uma matriz teórica marxista.

É desse movimento marcante, ainda que pouco conhecido, é desse protagonismo e de uma cultura do agir católico, é dessa memória histórica que José Pedro Castanheira nos lega um precioso documento.